

- LXVIII -**REPENSANDO A FORMAÇÃO DOCENTE****Maurício Fagundes**

UFPR. mauriciovitoriafagundes@gmail.com

INTRODUÇÃO

O paradigma tradicional de educação tem construído processos educacionais fragmentados e hierarquizados. Nas universidades a formação, normalmente, segue um currículo estanque, onde há pouco planejamento coletivo, onde os professores são lotados em departamentos por áreas de conhecimentos e pouco sabem dos projetos pedagógicos dos cursos e das realidades dos estudantes.

Essa estrutura reflete na formação inicial para a docência, pois há a separação da extensão, do ensino e da pesquisa, os quais são gestados por pessoas diferentes e em espaços distintos, ficando a cargo dos estudantes tentar desfragmentar a já fragmentada formação.

Essas lacunas são percebidas e as Secretarias de Educação, tanto dos Estados quanto dos municípios, bem como os professores destas, no momento que passam a desenvolver suas práticas docentes. De forma individual ou por meio de parcerias, esses profissionais têm buscado as universidades na perspectiva de dar continuidade à formação docente. Na maioria das vezes são estabelecidas parcerias para a formação continuada, porém limitadas por ações pontuais.

Diante dessas constatações, apontamos como objetivo deste trabalho repensar a formação continuada docente, por meio da pesquisa participante. Para aprofundar esta discussão focaremos na pesquisa participante como princípio formativo e como caminho possível para dar suporte a necessária formação permanente.

A PESQUISA PARTICIPANTE

A pesquisa participante é defendida por muitos autores, mas tem como principal referência Carlos Rodrigues Brandão, que baseado na obra de Paulo Freire, defende a possibilidade da aprendizagem coletiva, onde não há objeto de estudo, mas sujeitos que estudam e que juntos aprendem.

Nessa direção, Freire (1981, p. 36) afirma que

fazendo pesquisa educo e estou me educando com os grupos populares. Voltando à área para pôr em prática os resultados da pesquisa, não estou somente educando ou sendo educado: estou pesquisando outra vez. No sentido aqui descrito pesquisar e educar se identificam em um permanente e dinâmico movimento.

Diante dessa concepção, reafirmamos aqui nossa intencionalidade epistemológica em relação a pesquisa, ao ensino e a aprendizagem. Portanto, seria incoerente criticarmos a concepção tradicional, de um ensino verticalizado, que entende que o conhecimento está pronto e que cabe ao seu detentor realizar a transmissão, e no momento de agirmos, não propormos nada diferente. Por isso, defendemos a pesquisa participante como possibilidade de conhecer e construir conhecimentos significativos, que tenham relação direta com as vidas e realidade concreta dos docentes e suas escolas, onde a relação pesquisador e pesquisado se desenvolve em parceria e ambos são protagonistas, portanto empoderando os docentes e estimulando-os a multiplicar esse processo com seus estudantes.

Brandão (1981, p. 11) reforça que só podemos mudar se conhecermos nossa própria realidade e participarmos da produção deste conhecimento, tomando posse dele. E assim,

ter no *agente* que pesquisa uma espécie de *gente* que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem *a pesquisa participante* – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes.

Em assim sendo, no que diz respeito a escola, quem conhece a realidade vivida de forma intensa, são os seus docentes e os seus discentes, cabendo ao pesquisador em diálogo com estes, ir participando desse cotidiano para também conhecer, para então, propor

alternativas e estratégias de práticas docentes, em um processo em que todos pensam e propõem caminhos.

Pela pesquisa participante, Freire (1996) afirma que fazendo pesquisa, educo e estou me educando, pesquisar e educar se identificam em um permanente e dinâmico movimento. O movimento proposto de discutir com os professores e que estes compreendam que suas práticas, se assim pensadas e pautadas em concepções teóricas críticas, pode ser fruto para novas ações-reflexões-ações, bem como de futuras pesquisas, o que é muito significativo.

Investigar determinadas temáticas de modo a observar, dialogar e construir coletivamente soluções práticas para o processo de mudança e tomada de decisões na coletividade, é vislumbrar uma transformação no cenário educacional.

O termo pesquisa participante, é também definido por Brandão como a investigação-ação-participativa, que:

busca estabelecer uma interação *eu-outro* através da qual este *outro-que-não-eu* participe do todo ou de momentos do acontecer da pesquisa - entre o projeto que se escreve e o relatório que se edita. E através da qual tanto o processo quanto o “produto” da pesquisa sejam partilhadamente processados, produzidos, dados-a-ver (a ler) e compreensíveis e interpretáveis por mim e pelo outro, desde o ponto de vista e da vivência das culturas de cada um. (BRANDÃO, 2017, p. 34).

O autor destaca ainda que, na pesquisa participante, para que haja a existência de um processo e um “produto final”, estes não podem resultar de um *para-elese* nem um *para-mim*, mas sim, num resultado de algo fluido e diferenciadamente partilhável: um *entre-nós*.

A finalidade de qualquer ação educativa, para Brandão (2017) seguido da produção de novos conhecimentos, aumenta a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com quem trabalhamos. Assim sendo, o verdadeiro sentido dado à educação, será quando for reconhecida como um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade das pessoas que nela vivem.

Um dos pontos principais da pesquisa participante, como processo de investigação e de formação, é que ela inverte o ponto de partida destes mesmos processos quando comparados à perspectiva tradicional, ou seja, se parte da realidade vivida pelo grupo e de sua percepção sobre essa realidade, externando o que percebem de limites e possibilidades. Tendo realizado a escuta atenta, torna-se possível construir um quadro preliminar dessa

situação, coletivamente, passa-se a construção da busca de conhecimentos que possam dialogar com essa realidade na perspectiva de sua superação.

Nesse processo, está se desenvolvendo a formação docente continuada e o planejamento de ações didático-pedagógicas para o enfrentamento de tais situações-limites. Porém, não como um processo estanque, mas construindo o entendimento de que a educação é um processo dinâmico e permanente de conhecimentos centrados na busca, na descoberta, na análise e transformação da realidade pelos seus sujeitos. Pois, assim como o problema ou a situação-problema é interno, localizado em um local/escola específica, sua solução ou soluções terão muito mais possibilidade de sucesso se forem orgânicas desse mesmo lugar. Isto não significa negar outros conhecimentos, mas entender que não há possibilidade de pura transferência, portanto esses conhecimentos servem de referência para a construção de novos conhecimentos, mesmo que aportados nesses.

Nesse caminho, o professor se assume também como pesquisador de sua prática, juntamente com seus colegas, em diálogo ou não com a universidade, assumindo o compromisso de mergulhar na realidade de sua escola para entender o real vivido pelos docentes e discentes, suas percepções e a lógica de seus discursos, com o objetivo de despertar o desejo de mudança e elaborar com eles, os meios e estratégias para sua realização.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

A partir desses pressupostos, entendemos que este caminho metodológico uma vez assumido coletivamente, irá desenvolver com os professores e estudantes, não um processo de tutela, que os remeteria na busca de outro tutor ou de outra “bengala” no término de cada processo de formação, mas um processo de construção de autonomia e empoderamento docente, em que eles de posse e entendimento da proposta da pesquisa participante, terão subsídios e ferramentas que os encaminharão a permanentes ações-reflexões e novas ações sobre seus problemas, como forma de desenvolver suas docências e práticas pedagógicas, fazendo sentido às suas vidas e as vidas de seus estudantes, portanto, transformando qualitativamente os resultados de suas práticas docentes, do ensino e da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A terceira margem do Rio:** anotações e fragmentos sobre a experiência da pesquisa como um encontro. Campinas, 2017.

BRANDÃO, Carlos. (org.) **Pesquisa participante.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa. In: BRANDÃO, C. R. (org.) Pesquisa Participante. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 4. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.